

IMPACTOS DO ISOLAMENTO CONJUGAL SOBRE A SEXUALIDADE DA MULHER DO EMIGRADO

Agnes Rocha de Almeida

Faculdade de Administração de Governador Valadares

Ana Paula Freitas Mendonça Machado

Universidade Vale do Rio Doce – Bolsista de Iniciação Científica FAPEMIG.

Carlos Alberto Dias

Universidade Vale do Rio Doce.

Clarisse Souza Boechat

Universidade Vale do Rio Doce.

Resumo

Buscando melhores condições financeiras para sua família, valadarenses deixam para trás esposa e filhos e partem para outro país como emigrantes. Nesta situação, a mulher passa a viver em isolamento conjugal. Por isso a questão: *De que forma as mulheres submetidas ao isolamento conjugal atendem suas necessidades sexuais, com vistas a manter o equilíbrio psíquico?* Para respondê-la foram realizadas 247 entrevistas domiciliares com tais mulheres. Os dados revelaram que em decorrência da impossibilidade de viverem de forma adequada o prazer sexual, mulheres de emigrados apresentam problemas emocionais diversos. Em consequência, grande número delas encontra dificuldades em manter o equilíbrio psíquico.

Palavras chave: emigração, isolamento conjugal, auto-erotismo, infidelidade, prazer.

Sessão temática

Demografia e Políticas Públicas

D1 - Migração em Minas Gerais

EMIGRAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A SEXUALIDADE DA MULHER VÍTIMA DO ISOLAMENTO SEXUAL¹

Introdução

A crise econômica brasileira, ocorrida nas duas últimas décadas do século XX provocou gradativo aumento dos movimentos migratórios dirigidos para o exterior. Nesse período, a cidade de Governador Valadares constituiu-se (e ainda o é) num centro exportador de mão de obra, sobretudo para os Estados Unidos. Embora sejam diversos os destinos dos emigrantes, os valadarenses concentraram-se especialmente na Região de Boston.

Constituindo-se o fluxo migratório basicamente de trabalhadores jovens entre 20 e 34 anos (SCUDELER, 1999), é de se esperar que grande número de filhos e esposas aguarda o retorno do pai e do marido, o que nem sempre ocorre. Apesar da promessa de um breve retorno ou de que tão logo haja recursos financeiros esposa e filhos irão juntar-se ao emigrado no país de destino, muitos emigrantes acabam por permanecer sozinhos no exterior por vários anos e suas mulheres acabam por se resignar à solidão. Solidão marcada pelo aumento de responsabilidades sobre seu lar e filhos, pelo isolamento conjugal e, conseqüentemente, pelo isolamento social como forma de proteger seu bom nome e a honra do marido distante.

Essa realidade vivenciada por diversas mulheres, incita à reflexão sobre a mulher adormecida por detrás de cada esposa. Esposa essa que se contenta em esperar o dia em que poderá novamente acordar e viver o sonho, que de certa forma, foi o motor primeiro de ter contraído o matrimônio. Ainda em função do conseqüente isolamento sexual, não se sabe por quanto tempo é possível à mulher continuar adormecida, quando tudo o que se constrói no mundo chama a atenção para o fato de que homens e mulheres dificilmente se acomodam à castidade, visto que, a despeito de qualquer valor, eles são em sua essência, sexuados.

Se a saúde psicológica dos sujeitos requer, dentre outros, o exercício de uma prática sexual satisfatória, deve-se perguntar: *De que forma as mulheres vítimas do isolamento conjugal atendem suas necessidades sexuais, com vistas a manter o equilíbrio psíquico?*

Metodologia

O presente estudo baseia-se em uma Pesquisa Exploratória realizada com 247 mulheres residentes em Governador Valadares e região, casadas ou que possuem algum tipo de vínculo conjugal, com parceiro residente no exterior por um período mínimo de três meses. A identificação dessas mulheres se fez a partir de palestras realizadas em escolas das redes municipal, estadual e privadas do município de Governador Valadares como tema: *“Dicas para a educação dos filhos que possuem o pai no exterior”*, ou por indicação dessas instituições. Após cada palestra, foi feita a apresentação da pesquisa,

¹ Este artigo apresenta dados coletados na pesquisa Impactos da emigração sobre a sexualidade da esposa do emigrante, coordenada pelo Professor Dr. Carlos Alberto Dias, com a participação da Professora Agnes Rocha de Almeida e Professor Msc. Adilson Rodrigues Coelho. A pesquisa contou com o financiamento da FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais).

seguida do convite à participação. As mães que demonstraram interesse em participar, inscreveram-se numa lista com nome e telefone. Após agendamento do dia e horário, realizou-se a visita domiciliar para apresentação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e efetivação da entrevista estruturada, com dados registrados em formulário próprio e analisados com auxílio do programa Sphinx. É importante ressaltar, que as mulheres que durante a entrevista apresentaram considerável sofrimento psíquico, foram encaminhadas ao Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) na Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE).

Resultados

As entrevistadas, em média, possuem 34 anos, 11 de vida conjugal, e três de isolamento. Conforme apresentado no quadro 1 apenas 13,8% estão isoladas do parceiro a menos de 2 anos. Embora a partida do parceiro seja recente, não há garantias de que tais mulheres não sejam afetadas pela ausência do mesmo. A grande maioria, 86,2%, cuja situação ultrapassa dois anos, pode ter tanto o equilíbrio psicológico quanto a qualidade do relacionamento conjugal afetado pelo isolamento.

Tempo de isolamento	Freqüência
Menos de 2 anos	13,8%
De 2 a 4 anos	52,6%
De 4 a 6 anos	18,2%
De 6 a 8 anos	7,7%
De 8 a 10 anos	2,0%
Acima de 10 anos	5,7%
TOTAL	100,0%

Quadro 1: Tempo em que o parceiro está no exterior
 Fonte: Pesquisa de campo 2008
 Casos válidos: 247

Convém aqui questionar, o que pode afetar o equilíbrio psicológico da mulher de um emigrante. Em primeiro lugar deve-se considerar um sentimento vivenciado por elas após a partida do parceiro: a solidão. Muitas vezes, consciente de que esse sentimento não se extinguirá até que ele retorne, a mulher deve encontrar alternativas para atenuar tal sentimento, principalmente quando em alguns momentos este se torna mais acentuado. Um desses momentos se dá quando a mulher sente saudades das conversas, do apoio e da presença do parceiro. O quadro 2, indica que dentre as alternativas, destacam-se conversas com parentes e amigos através de visitas às pessoas, e contatos telefônicos (27%); a busca de apoio na religião (26,3%) através de orações individuais (em casa) e coletivas (na

igreja) e telefonar para o cônjuge (23,2%). Já as respostas chorar, compensar na alimentação, trabalhar e tomar remédios (23%) indicam que a dor causada pela saudade já chegou a um nível onde as alternativas para atenuá-la deixaram de ser eficientes.

Alternativas diante da saudade	Frequência
Conversa com parentes e amigos	27,0%
Busca apoio na religião	26,3%
Telefona para o cônjuge	23,2%
Chora ou fica deprimida	11,6%
Compensa na alimentação	4,8%
Trabalha	4,8%
Toma remédios	2,2%
TOTAL	100,0%

Quadro 2: Alternativas utilizadas pelas mulheres nos momentos de solidão.

Fonte: Pesquisa de campo 2008

Casos válidos: 247

Outro sentimento que afeta o equilíbrio psicológico das entrevistadas é a angústia. Este sentimento pode ser causado por exposição a uma determinada situação em seu ambiente. Uma situação onde a mulher pode ver, outros casais se abraçando, andando de mãos dadas ou simplesmente conversando, pode provocar, despertar ou aumentar o sentimento de angústia. Sentimento provocado principalmente porque a mulher se depara com o fato real de que ela não pode vivenciar tal situação.

O quadro 3 aponta o sentimento percebido pelas entrevistadas frente a situação descrita acima. Observa-se que 41,5% das entrevistadas percebem-se angustiadas, e 25,8% sentem inveja da situação. Em ambos os casos existe a percepção de que a ausência do marido impede que vivenciem momentos de cumplicidade. A conformidade é verificada por 23,3% das entrevistadas e 6,4% percebem-se rejeitadas pelos maridos, sentimento este proveniente da idéia de que o marido que deseja a esposa quer estar junto dela. Apenas 3% percebem-se livres diante da separação temporária. Estas revelaram que antes da partida do parceiro, não se sentiam livres devido ao ciúme exagerado dos mesmos.

Sentimento ao ver casais juntos	Frequência
Angustia e desejo que ele volte	41,5%
Inveja da situação	25,8%
Conformismo, pois é temporária a distância	23,3%
Rejeitada pelo marido	6,4%
Pena delas, pois elas não são livres	3,0%
TOTAL	100,0%

Quadro 3: Sentimento vivenciado frente a outros casais

Fonte: Pesquisa de Campo 2008

Casos válidos: 247

A angústia das entrevistadas diante da presença de outros casais está relacionada tanto à necessidade de atenção e afeto, quanto ao desejo sexual. Essa afirmação tem base no fato de que a imagem dos casais não só reflete para a mulher a sua solidão, mas a sua impossibilidade de vivenciar sua sexualidade, seu desejo. Na tentativa de entender melhor sobre a angústia vivenciada por elas, deve-se atentar para a frequência do desejo sexual.

Quanto mais freqüente o desejo, maior a frustração do mesmo e maior o sentimento de angústia.

O quadro 4 aponta esta freqüência. Segundo o mesmo 44,7% das mulheres percebem que sentem desejo sexual “às vezes” e 38,5% sentem desejo “sempre”. Isto demonstra que mesmo com o distanciamento do parceiro sexual e mesmo com a certeza de que não poderão satisfazer de forma plena o desejo, este não deixa de existir para a maioria das mulheres de emigrados.

Freqüência do desejo sexual	Freqüência
Às vezes	44,7%
Sempre	38,5%
Raramente	10,2%
Nunca.	6,6%
TOTAL	100,0%

Quadro 4: Percepção da freqüência do desejo sexual

Fonte: Pesquisa de Campo 2008

Casos válidos: 247

Diante do desejo, as mulheres devem buscar alternativas para satisfazê-lo, e algumas realmente o fazem. De acordo com o quadro 5, observa-se que 36,4% satisfazem o desejo com a prática do auto-erotismo estando sozinha (11,8%) ou com o marido ao telefone (24,6%). No entanto a maioria delas 57% tem atitudes que tem como principal objetivo enfraquecer ou extinguir o desejo sexual. Tais atitudes são: ignorar o desejo (41,1%), fazer orações (12,5%) ou tomar medicamentos (3,4%).

Atitude frente ao desejo	Freqüência
Ignora a vontade	41,1%
Faz amor por telefone	24,6%
Faz orações	12,5%
Pratica auto-erotismo	11,8%
Não sente vontade de fazer amor	4,7%
Toma remédios	3,4%
Relaciona-se com outro homem	2,0%
TOTAL	100,0%

Quadro 5: Atitudes tomadas diante do desejo sexual.

Fonte: Pesquisa de Campo 2008

Casos válidos: 247

Diante do sentimento de solidão, angústia e até mesmo do desejo sexual frustrado, é natural que a mulher perceba-se em uma situação de desconforto emocional. Esse desconforto pode ser observado através da auto-avaliação que as entrevistadas fazem de como se percebem após a partida do parceiro. Essa autopercepção consta no quadro 6, que aponta as mudanças percebidas nos aspectos físicos e psicológicos.

No que se refere às características psicológicas, a percepção que as mulheres têm de si mesmas, é de fato negativa. A maioria das respostas (80,4%) aponta para o desgaste emocional vivenciado por elas. A tristeza, ansiedade, irritação e impaciência revelam o lado obscuro da emigração para o exterior. No tocante às características físicas as respostas demonstraram que apenas 26,4% têm uma autopercepção das mudanças ocorridas. Mudanças positivas foram apontadas por 12,6% e negativas por 13,8%. Vale salientar que

o desgaste emocional pode impedir que muitas mulheres se sintam aptas em perceber as mudanças ocorridas.

Autopercepção atual	Freqüência
Mais triste	18,8%
Mais ansiosa	18,2%
Mais irritada	15,4%
Mais impaciente	13,9%
Mais feia, gorda	13,8%
Mais bonita, magra	12,6%
Mais livre, mais feliz	7,3%
TOTAL	100,0%

Quadro 6: Auto-percepção após a partida do esposo.

Fonte: Pesquisa de Campo 2008

Casos válidos: 247

O fato de que 80,6% das respostas se refiram a sofrimentos psicológicos vivenciados pelas entrevistadas, contrasta com o pressuposto de que o atendimento ao seu desejo sexual, seja capaz de restabelecer o equilíbrio psicológico de mulheres isoladas do parceiro. Observando o quadro 7, verifica-se que a auto-percepção independe da atitude da mulher frente ao desejo sexual. A maioria daquelas que atende ao desejo sexual também tem uma autopercepção negativa, entre outras palavras, vivenciam algum tipo de sofrimento psicológico.

Esta constatação parece indicar que atender ao desejo sexual sem a presença física do parceiro não é suficientemente prazeroso ou não contribui para a plena satisfação do desejo sexual. Isto pode estar relacionado ao fato de que ao se casar, a mulher tem introjetado em sua consciência de que o prazer por excelência só é possível com a presença do outro.

Atitude frente ao desejo	Auto-percepção		
	Positiva	Negativa	TOTAL
Tentou ignorar o desejo	10,9%	48,6%	59,6%
Atendeu ao desejo	8,6%	31,8%	40,4%
TOTAL	19,6%	80,4%	100,0%

Quadro 7: Atitude frente ao desejo X Auto-percepção

Fonte: Pesquisa de Campo 2008

Casos válidos: 247

Discussão

Para melhor entender a situação estudada, há de se considerar, inicialmente, os objetivos que levam a mulher a contrair o matrimônio. De acordo com Peixoto (2004), os objetivos principais da mulher valadarense ao buscar o matrimônio é formar legalmente uma família e garantir a presença do ser amado. Esses objetivos retratam que a mulher que opta pelo matrimônio busca a garantia de que terá alguém com quem compartilhar as situações do dia-a-dia, bem como de que terá com esse alguém intimidade, carinho e satisfação sexual.

A partir da emigração do parceiro, à mulher cabe ignorar o objetivo que a levou a se casar, considerando que esse não será alcançado até que ele retorne. Como relatado pelas entrevistadas, o tempo desse retorno pode variar chegando em muitos dos casos, a ultrapassar 12 anos.

A distância que separa o casal constitui-se em barreira ou obstáculo à concretização dos objetivos do casamento. De acordo com Alencar (2003), as barreiras ou obstáculos à realização dos objetivos podem estar ligados ao ambiente físico e social do sujeito ou a características ou deficiências pessoais. No caso da emigração internacional, a barreira física (distância) é a que impede a mulher de manter a presença do cônjuge, e assim atender ao objetivo do seu casamento.

Quanto aos sentimentos decorrentes do insucesso diante das barreiras ou obstáculos que impedem que o sujeito atinja seus objetivos, Alencar (2003) faz referência ao sentimento de “frustração”. Segundo a autora, a frustração faz com que o sujeito vivencie uma situação de tensão. Como reação a essa tensão, o sujeito pode se mostrar ativo ou apático; assumir comportamentos regressivos (comportamento imaturo); agredir a fonte de frustração ou deslocar a agressão para objetos substitutivos. Observam-se, também, casos em que os sujeitos procuram reestruturar a situação tentando novas abordagens.

Essas reações foram relatadas por 29,3% das entrevistadas que se percebem mais irritadas e impacientes atualmente. É comum que ao invés de agredirem a fonte de frustração, desloquem a raiva para os filhos. “A gente acaba descontando nos filhos, né? Porque eles que ficam ali com a gente”. (R.; 24 anos)

Alencar (2003) cita vários comportamentos adquiridos pelo sujeito após uma situação de frustração, dentre outros estão:

- *Apatia ou indiferença*: Ocorre, principalmente, depois de frustrações intensas e prolongadas.
- *Esforço intensificado*: O sujeito intensifica seus esforços para alcançar seus objetivos, reagindo de forma construtiva à frustração.
- *Ansiedade*: O organismo responde a essa ansiedade através de alterações fisiológicas, ou seja, através de doenças psicossomáticas, úlceras gástricas e hipertensão arterial.

A apatia ou indiferença sugerida por Alencar é um comportamento relatado pelas entrevistadas. Após longo período sem a presença do esposo, passaram a ignorar ou a se mostrar indiferentes aos estímulos sexuais. Esta foi a forma encontrada para não se sentirem frustradas por não poder respondê-los. “No começo eu sentia muita vontade, era muito ruim, sofria, não dormia nada à noite, mas depois, acho que o corpo viu que não adiantava... agora nem penso mais nisso”. (C.; 28 anos)

Em relação ao esforço intensificado, tem-se o caso de mulheres que consideram que, ao economizar o dinheiro enviado por seu esposo e, ainda, manter seu emprego, pode ajudar no orçamento familiar e garantir a antecipação do retorno de seu cônjuge. “Meu marido às vezes fala que eu não preciso passar pelo que eu estou passando no trabalho, mas eu sei que no fim do mês o que eu ganho vale a pena, pois eu quase não mecho no que ele manda. Aí esse dinheiro vai pra poupança, pra economizar.” (J.; 27 anos)

A ansiedade faz parte do dia-a-dia de grande parte das mulheres que vivem o isolamento conjugal. Tal ansiedade se manifesta no momento de cuidar dos filhos, de investir o dinheiro enviado pelo esposo e, ainda, no seu convívio com o meio social. A ansiedade está, portanto, presente em todas as situações em que tais mulheres se vêem sozinhas, sem a presença e o apoio do parceiro. Esse dado pode ser observado no quadro 6, quando as entrevistadas percebem ansiosas (18,8%).

A gente fica o tempo todo pensando no que tem que fazer, porque é tanta coisa, às vezes acho que não vou dar conta. Eles pedem as coisas de lá e querem tudo para ontem. É uma agonia, tenho que ficar indo na obra (casa em construção), às vezes tenho que pedir coisas para os pedreiros que não sei o que é [...] aí tenho que ficar com aquilo na cabeça para não esquecer, fora quando eles querem fazer negócio com alguém, a gente aqui que tem que resolver do jeito deles, cada vez que ele liga, eu já fico ansiosa, pois sei que ele vai pedir mais alguma coisa (C.;31 anos).

Todos os sentimentos acima descritos constituem-se sintomas de um sofrimento maior vivenciado pelas entrevistadas. Esse sofrimento pode ser identificado como angústia. Costa (2006) cita Freud para apontar que a fonte de tal dor é o acúmulo de excitação:

Freud observa que a angústia de seus pacientes estava intimamente relacionada com a sexualidade, pois das diversas formas de manifestação da angústia todas relacionavam-se de alguma forma à uma abstinência sexual, ou uma relação sexual não satisfatória [...]. (FREUD, citado por COSTA, 2006, p. 7)

A angústia relatada pelas mulheres diante da presença de outros casais, pode ser então percebida como um acúmulo de excitação. De fato, várias foram as entrevistadas que fizeram alusão ao desejo sexual sentido para tentar explicar o que efetivamente as angustiava quando viam casais juntos.

Eu não gosto de sair de casa, onde a gente vai, tem casais se beijando, se abraçando...acaba que dá vontade também, só que como eu não posso “fazer nada” (ter relações sexuais), eu acabo ficando deprimida, então eu prefiro nem ver. (R.; 24 anos)

Eu não vou a bares, porque o que mais você vê nesses lugares são casais se beijando, e eu [...] fico só na vontade, é muito ruim, fico triste e as pessoas ficam perguntando o quê que eu tenho. (J.; 24 anos).

Esse sentimento também se justifica pelo fato de que sendo casadas, elas deveriam estar vivendo uma sexualidade plena. Visto que o casamento é uma “fonte doadora de prazer renovada” (PUGET e BÉRESTEIN, 1993). Dessa forma, toda pessoa disposta a contrair o matrimônio e assim constituir o vínculo do casal sabe (consciente ou inconscientemente) que, a partir desse ato, existem uma série de elementos que dão sentido ao campo do permitido, e esses elementos provêm dos modelos sócio-culturais e podem ocorrer de fato ou não. É o que acontece com as relações sexuais: o casamento passa a idéia de que as pessoas fazem sexo regularmente e de que este é feito com carinho, ternura e prazer mútuo.

Para a Psicanálise, os fatores da vida sexual têm um papel extremamente importante entre as causas das doenças neuróticas. Por motivos culturais, a repressão mais intensa incide sobre os instintos sexuais. Freud (1926) demonstrou que os sintomas de seus pacientes eram desejos sexuais intoleráveis para a consciência moral dos mesmos e que,

por isso, manifestavam-se transformados em sintomas, irreconhecíveis enquanto desejo, aparecendo na forma de paralisias, compulsões, fobias, e outros. Nos momentos de abstinência sexual (voluntária ou involuntária, ou se o sujeito mantém relações sexuais incompletas), ocorre uma interferência no curso da excitação. A libido, diante da impossibilidade de satisfação, é descarregada sob forma de sintomas. Para Freud (1908), é de suma importância que os indivíduos possam satisfazer seus instintos sexuais, pois a tentativa de dominá-los consome todas as forças, toda a energia psíquica dos mesmos.

É compreensível então o fato de que 80,6% das entrevistadas estejam vivenciando algum tipo de sofrimento psíquico. Independente de atenderem ou não o desejo sexual, elas precisam dominá-lo para não ultrapassar a barreira do permitido. Satisfazer ao desejo sexual de forma plena culminaria numa relação extraconjugal, podendo gerar ainda mais sofrimento, frente aos problemas que enfrentaria. Para evitar novos problemas procuram satisfazer o desejo de forma parcial. Esta medida interfere no curso natural da excitação gerando sintomas como ansiedade, agressividade e depressão.

Às mulheres, por estarem condenadas pela moral sexual civilizada a não terem pensamentos sexuais, restam apenas a possibilidade de sucumbirem a graves neuroses. Considerando que a moral sexual civilizada apresenta uma duplicidade de sentido, a mulher é a mais afetada nessa situação. Os sacrifícios que a mulher do emigrante faz para seguir essa moral acabam produzindo danos à sua saúde física e psíquica, pois, toda sua energia estará sendo usada para reprimir seus desejos sexuais. Algumas entrevistadas fizeram alusão a questionamentos a que estão sujeitas no seu dia-a-dia: “Como você pode pensar em sexo quando seu marido está trabalhando feito um louco para te dar do bom e do melhor?”.

Objetivando não ser motivos de escândalo em seu meio social, tentam fazer de tudo para reprimir seus desejos sexuais: “Quando eu sinto vontade, eu arrumo alguma coisa para fazer: limpo a estante, varro o chão, faço o que for para não apelar para a masturbação; esse é um vício que não quero para mim”. (N., 48 anos)

Aquelas entrevistadas que de fato assumem sua sexualidade e atendem seus desejos sexuais não estão totalmente livres do sentimento de repressão: “Eu só me masturbo quando meu marido liga e fica me assanhando no telefone. Sozinha eu não faço; se sentir vontade ‘fora de hora’, eu faço orações!” (S., 39 anos). Se nesse caso, a entrevistada se sente constrangida em função de valores religiosos, no segundo, vê-se a ação de mitos que impede a mulher de viver sua sexualidade da forma mais saudável que lhe seja possível: “Eu me masturbo só de vez em quando, só quando estou fértil. Tenho medo de me acostumar com isso e quando meu marido voltar, eu não me adapte a ele”. (A., 36 anos)

Conclusão

O desafio dessa investigação foi o de conduzir uma reflexão, verificando *de que forma as mulheres vítimas do isolamento conjugal atendem suas necessidades sexuais com vistas a manter o equilíbrio psíquico?*

A pesquisa revelou que 36,4% das entrevistadas buscam atender seus desejos através do auto-erotismo individualmente ou com o estímulo do parceiro ao telefone. No entanto, a maioria delas (57%), tem atitudes que tem como principal objetivo enfraquecer

ou extinguir o desejo sexual. Tais atitudes são: ignorar o desejo (41,1%), fazer orações (12,5%) ou tomar medicamentos (3,4%). Essa maioria, de certa forma, também busca o equilíbrio psicológico. O não atendimento do desejo sexual é uma estratégia empregada para não sofrer com a frustração da ausência do parceiro. Esta estratégia fundamenta-se na certeza de que as práticas auto-eróticas não serão suficientes para a satisfação do desejo ou na crença de que dar vazão ao desejo é pecado ou errado (ir contra as próprias crenças também gera desequilíbrio emocional).

Conclui-se então que por mais que a mulher faça uso de mecanismos objetivando manter o equilíbrio psicológico, a maioria delas apresenta algum tipo de sofrimento. Sofrimento este que só terá fim quando puderem alcançar finalmente os dois objetivos principais do matrimônio: estar junto ao cônjuge e poder vivenciar a sexualidade de forma plena.

Referência Bibliográfica

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano. **Psicologia: Introdução aos princípios básicos do comportamento**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CASTANHEIRA, S.S. Autocontrole: a linguagem do cotidiano e da análise do comportamento. In: **Sobre comportamento e cognição**. São Paulo: Santo André, 2001, v.6, cap.7.

COSTA, Cristiane de Figueiredo. Angústia e Pânico: A duplicidade do discurso. Rio de Janeiro: **Instituto Gestalt-Terapia na Rede**. V 3, N° 5, 2006. ISSN: 1807-2526

FRANÇA, J.L. **Manual para normatização de publicações técnico-científicas**. 5 ed. Belo Horizonte:UFMG, 2001

FREUD, S. Esboço de Psicanálise (1940). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972, Vol. XXIII.

FREUD, S. Moral sexual civilizada e doença sexual moderna (1908). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972, Vol. IX.

FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade (1926). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972, Vol. XX.

PEIXOTO, Cristiane Rosária da Silva. **Justificativas para a adesão ao matrimônio no século XXI**. 2004. Monografia (Curso de Psicologia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares.

PUGET, J.; BERESTEIN, I. **Psicanálise do casal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SCUDELER, V.C. **A Inserção de Imigrantes Brasileiros no Mercado de Trabalho dos EUA**. Net. Campinas: Unicamp, 1999. Disponibilidade: <<http://www.comciencia.br/reportagens/migra%E7%F5es/migr17.htm>>. Acesso em 11 mar. 2004.